

## UMA BIOGRAFIA AFRICANA

SWEET, James. *Domingos Álvares: African Healing, and the Intellectual History of the Atlantic World*. Chapel Hill: The University of Carolina Press, 2011. 300p.

Mais que uma moda, o gênero biográfico tem se tornado uma verdadeira febre entre os historiadores. Hoje em dia é fácil encontrar biografias de todo o tipo, oferecidas nos mais diversos formatos: há livros e artigos sobre personagens destacados ou (até então) desconhecidos e textos com discussões teóricas e metodológicas sobre as várias formas de praticar o gênero em abundância. Nas universidades e congressos são frequentemente ministrados cursos sobre o tema e uma parte grande dos projetos de pesquisa nos programas de pós-graduação recorre à reconstrução de trajetórias de vida como recurso analítico. Desde os anos 1960, pelo menos, essa forma de contar história tem atraído os historiadores, por diversos motivos e com sentidos diferentes. A qualidade é variada, mas algumas das obras biográficas produzidas nos últimas décadas são, sem dúvida, excepcionais, fruto de trabalhos de pesquisa e reflexão rigorosos, e trazem novidades importantes para o diálo-

go historiográfico – não simples curiosidades sobre o biografado.

Pertence a essa última categoria o recente livro de James Sweet, que narra a história de Domingos Álvares, nascido em Naogon, no interior da atual República do Benim, por volta de 1710. Ali ele cresceu e se tornou um homem adulto, até ser escravizado entre 1728 e 1732. Levado para Pernambuco a bordo de um navio negreiro, trabalhou em engenhos próximos ao Recife e, depois de alguns anos, foi vendido para o Rio de Janeiro, onde viveu até ser denunciado à Inquisição. Preso e remetido a Lisboa, acabou condenado a degredo em Castro Marim, na fronteira da Espanha, em 1744. Nos registros inquisitoriais, Domingos foi identificado como escravo e feiticeiro afofado – e foi assim que apareceu em listas de condenados pela Inquisição e em alguns livros que discutem a religiosidade popular no Brasil e em Portugal. Não é desse modo, entretanto, que ele é tratado no livro de

Sweet. Aqui, mais que um caso entre outros, ele está no centro da análise. Mas essa não é a única diferença.

Começo por questões de método e recorro a uma das mais conhecidas biografias que lidam com perseguidos pela Inquisição para melhor me explicar. Sweet já havia escrito um livro sobre a importância da presença da religiosidade africana no mundo colonial português (*Recreating Africa*, 2003; trad. port. *Recriar África*, 2007), utilizando grande número de processos inquisitoriais. Agora, um dos casos ali mencionados ganhou destaque e tornou-se o fio condutor da narrativa. De certo modo, seu percurso é semelhante ao de Carlo Ginzburg, que também escreveu um primeiro livro analisando os embates entre a Inquisição e a feitiçaria no Friuli italiano dos séculos XVI e XVII (*I benandanti*, 1966; trad. bras. *Os andarilhos do bem*, 1988) e, dez anos depois, publicou outro livro (*Il formaggio e i vermi*, 1976; trad. bras. *O queijo e os vermes*, 1987), inteiramente dedicado a analisar um dos acusados encontrados na pesquisa anterior. Na primeira abordagem, ambos abarcaram um grande arco temporal, para depois reduzir a escala e fixar-se na duração de uma vida individual.

O procedimento adotado pelos dois pesquisadores para o foco mais concentrado é semelhante. Tanto em *O queijo e os vermes* quanto em *Domingos Álvares*, o ponto de partida é

um extenso processo inquisitorial, que é analisado em minúcias para colher dados e pistas que, depois, orientam a procura de outras informações em uma variadíssima gama de fontes que, além do material textual mais comum (como registros eclesiásticos, documentos legais, censos, diários e relatos de viajantes), inclui tradições orais, etnografia, genealogia e mapas. Quando os documentos tornam-se silenciosos sobre o indivíduo em pauta, buscam gente parecida, que viveu no mesmo lugar e na mesma época. Mantêm o olhar no personagem escolhido, mas também prestam atenção ao ambiente e contextos em que viveram, e colhem muitas informações sobre as pessoas, instituições e estruturas sociais com as quais se relacionaram. Assim, solidamente ancorados nas fontes, ambos conseguem reconstruir detalhes da experiência individual de gente que costuma aparecer nos livros de história sob a forma anônima dos agrupamentos coletivos.

Nos dois livros, a narrativa é muito bem cuidada. Nela, o embate entre o inquisidor e o prisioneiro acusado de feitiçaria, registrado em detalhes no processo, ocupa um papel importante, de modo a revelar a astúcia do interrogado e sua estratégia para escapar da morte num Auto de Fé. A principal fonte é ao mesmo tempo o ponto de partida, o objeto da análise e um dos fios condutores do texto (ou de parte dele). Nos dois casos, é a capa-

cidade intelectual do interrogado que se quer colocar em relevo: suas ideias, seu modo de ver o mundo, os valores que orientaram sua vida. Ambos possuem uma profunda simpatia e respeito pelo homem que biografaram.

No caso de Sweet, o resultado é que a vida de Domingos Álvares ganha contornos não imediatamente perceptíveis. Um deles, por exemplo, é muito significativo. Ao depor diante do inquisidor, ele já não mais era escravo. Sua experiência nas artes de curar fora logo reconhecida, utilizada e explorada por seus senhores pernambucanos, especialmente no Recife. Mas ela também havia causado tensões, que motivaram sua venda para o Rio de Janeiro. Ali, num ambiente mais cosmopolita, e com licença do novo senhor, Domingos estabeleceu-se em uma casa que passou a servir de ponto de referência para a comunidade de fiéis que ele havia conseguido estruturar e onde atendia os que iam em busca de cura para doenças e feitiços. Sua clientela era muito grande e ele conseguiu comprar sua alforria em 1739, continuando a viver do que ganhava de seus clientes e fiéis. Rapidamente progrediu, chegando a ter um terreiro na região da Glória e casas de cura em outras partes da cidade. Estava no auge de sua fama quando foi denunciado e preso pela Inquisição.

Por que, então, ele teria se declarado escravo diante do inquisidor?

Ginzburg interessou-se mais pelo problema da “circulação cultural” e pela convergência de ideias entre Menocchio e os intelectuais humanistas da segunda metade do século XVI, do que pelo substrato profundo de crenças populares que orientava as leituras do moleiro friulano. Sweet, ao contrário, herdeiro da melhor tradição norte-americana de estudos africanistas, iniciada nos anos 1960 por Jan Vansina e Philippe Curtin na Universidade de Wisconsin, oferece uma descrição extraordinariamente detalhada da formação política e religiosa do africano mahi que foi batizado Domingos Álvares. Nascido na terra dos voduns durante o período da violenta expansão militar do Daomé, ele havia se tornado um respeitado líder religioso em meio a um contexto de guerras e convulsões.

Assim como muitos de seus conterrâneos, era devoto dos poderes de Sakpata, o vodum da terra e também senhor da varíola. Temido e cultuado, Sakpata representava um potencial de cura diante das misérias individuais e sociais, e por isso congregava nesse contexto um volume crescente de refugiados, doentes, exilados e famintos. Seus sacerdotes representavam um desafio ao poder político e militar do Daomé e foram perseguidos. Domingos era um deles: foi escravizado e deportado em direção ao tráfico atlântico.

É essa experiência formativa, ao

mesmo tempo religiosa e política, que serviu de base para Domingos enfrentar as peripécias de sua vida. Ela constituiu também a base analítica de Sweet – e isso lhe permite virar o processo inquisitorial pelo avesso, utilizá-lo como fonte sem jamais concordar com os inquisidores, que o chamavam de “feiticeiro”. Na África ou no Brasil, Domingos era um sacerdote dos voduns e, como tal, liderava uma comunidade de fiéis, ao mesmo tempo cuidando de seus membros, fortalecendo-os diante das misérias e doenças e deles dependendo para sobreviver. Sem compreender a natureza de seu poder espiritual e político, e o modo como ele serviu de esteio a muitos africanos escravizados no Brasil, vindos ou não da Costa da Mina, torna-se impossível entender a história de vida de Domingos Álvares e as escolhas que fez ao longo de sua vida.

Assim como em sua terra natal, seus poderes também geravam tensões no Recife e no Rio de Janeiro. As perseguições e o exílio forçado estiveram presentes muitas vezes na vida de Domingos. Os paralelos entre a situação no Daomé e no Brasil não se faziam sentir apenas nesses aspectos, mas também no modo como Domingos e seus fiéis enfrentavam a experiência traumática das doenças individuais e, especialmente, as sociais: guerras, devastação, fomes, escravização – e com ela a terrível via-

gem pelo Atlântico a bordo dos navios negreiros e o trabalho pesado como escravos nos engenhos e cidades na América portuguesa. Para ele, assim como para muitos outros africanos, a construção de laços de afinidade espiritual e parentesco, solidificados por crenças e valores comuns, era um elemento fundamental. O âmbito dessas alianças podia muitas vezes extrapolar os limites da escravidão, envolvendo gente forra, livre e até da classe senhorial. Por isso, dizer-se escravo de alguém diante da inquisição era, de algum modo, afirmar relações de proteção: estar submetido ao domínio de um senhor era uma situação menos frágil do que ser um liberto, um indivíduo sem conexões e sem ter a quem apelar; esse era um meio de mostrar laços identitários importantes, que podiam ser compreendidos pelo inquisidor.

A diferença do livro de Sweet deve-se, em segundo lugar, a questões historiográficas. Ainda que Ginzburg e ele lidem com práticas que foram chamadas de feitiçaria pela inquisição, o objetivo dos dois autores é bem diferente – e cada um está engajado em diálogos com companheiros de ofício bastante diversos. Em *O queijo e os vermes*, Ginzburg buscava examinar as relações entre os mundos da cultura escrita e oral e, ao fazer isso, propunha um novo modo de conceber e analisar a cultura popular, questionando a indetermi-

nação da história das mentalidades. Ao afirmar a centralidade da cultura africana no mundo atlântico, Sweet propõe um novo modo de pensar o mundo colonial, geralmente analisado do ponto de vista da expansão europeia.

Mesmo quando tratam do “Atlântico Negro”, na maior parte das vezes, diz Sweet, os estudiosos estão preocupados em mostrar como os africanos e seus descendentes se apropriaram de ideias e instituições europeias e americanas para defender a própria cultura e resistir, sem atentar para o fato de que as instituições e os valores africanos constituíam parte importante desse mundo e contribuíram para lhe dar forma e estrutura. Entre 1500 e 1820, três de cada quatro imigrantes das Américas era africano. Ao invés de focalizar o nexo entre Europa e América e o movimento em direção à cultura ocidental, é preciso prestar atenção nas categorias e no ponto de vista desses homens e mulheres e *africanizar* a história do mundo atlântico. Ao colocar a África no centro da análise, Sweet participa dos debates sobre a dinâmica das culturas na área colonial, chamando a atenção para a continuidade das práticas africanas na América, mas também afirmando que o processo de crioulização começava na África. Retomando teses clássicas que enfatizam a similitude entre formas sociais e políticas europeias e africanas, pro-

cura discutir como Domingos podia ao mesmo tempo ser sincero na sua conversão ao cristianismo e continuar um sacerdote vodum, tendo em vista o caráter integrativo de sua cultura e religião.

Assim, ao invés de “acomodar” os africanos numa perspectiva que privilegia a história da colonização, Sweet prefere lembrar que, “ao oferecer caminhos alternativos para pensar a família, a religião, a medicina, a economia e a política, africanos como Domingos Álvares contestavam a própria legitimidade do poder imperial” (p. 6). Exatamente por isso, seguindo tendências historiográficas recentes, inspirado especialmente em Steven Feierman, que estudou práticas de cura na Tanzânia, Sweet trata Domingos Álvares como um *intelectual*. Seus valores, crenças e ideias não aparecem simplesmente descritos no livro; eles aparecem ali analisados detalhadamente para que possamos compreender como aquele homem, nascido na região Mahi e formado em uma tradição política e religiosa específica, pode entender o mundo em que vivia e as suas transformações, muitas delas radicais, e escolher o modo como agir. A cura e a devoção aos voduns não são só práticas religiosas, mas uma linguagem política e uma maneira de conceber e estruturar vidas individuais conectadas por uma rede de relações sociais e espirituais.

Mais que isso. A luta constante de Domingos Álvares para manter vivas as práticas africanas de possessão pelos espíritos, de adivinhação, terapia e cura implicou enfrentar os pilares da cultura ocidental e das “modernidades” atlânticas: o capitalismo, o colonialismo, a escravidão, o monoteísmo, a medicina. Seu poder ameaçou o modo como os europeus entendiam a religião, a ciência, a economia e a política. Alguns, por interesse ou com sinceridade, até podiam estar interessados em suas curas ou procurá-lo para adivinhações - e talvez justamente aí residisse o potencial disruptivo das ideias de gente como Domingos Álvares. Conforme ele conseguia mais seguidores, maior o desafio político proporcionado àqueles que zelavam pelas verdades estruturantes do processo colonizador.

Perseguido e preso pelo Santo Ofício, Domingos mostrou-se hábil em responder as perguntas do inquisidor de modo a conseguir livrar-se da pena capital. Enfatizou o fato de ser cristão praticante, batizado e crismado, repetindo sempre que as curas que praticava deviam-se às propriedades naturais das ervas utilizadas e dos ensinamentos adquiridos em sua terra natal. Passou meses na prisão, submeteu-se à humilhação em dois Autos de Fé, mas conseguiu sobreviver.

A história de Domingos não tem um final feliz. Exilado no Algarve,

afastado de todos e num meio hostil, ele não conseguiu reconstruir uma comunidade espiritual e um modo de ser coletivo baseado na força dos ancestrais e do parentesco, como havia feito em tantas outras ocasiões. Transformou-se em um descobridor de tesouros perdidos, aproveitando-se de todas as oportunidades para conseguir sobreviver. Ao sair de Castro Marim e tentar a vida em outras localidades próximas, infringiu a sentença inquisitorial do degredo e passou a ser novamente procurado pela Inquisição. Denunciado mais uma vez por suas práticas curativas e adivinhações, ele viveu perambulando e fugindo de cidade em cidade. Acabou preso e sentenciado pela segunda vez ao degredo, em 1748 – desta vez em Bragança, no centro de Portugal – mas logo desapareceu das vistas de todos e dos registros documentais.

O livro de Sweet é bem mais que uma biografia. Pelas mãos desse extraordinário pesquisador e narrador, somos levados às profundezas do mundo atlântico. Mais que um personagem, Domingos Álvares é o ponto a partir do qual toda a análise ganha seu sentido. Trata-se, sem dúvida, de uma história atlântica – não porque ela desenvolve-se por três continentes, mas porque, entendendo o modo como Domingos viveu sua vida e como se relacionou com todas as pessoas e espíritos que compunham seu mundo, podemos compre-

ender como milhares de homens e mulheres enfrentaram as forças imperiais do capitalismo, da guerra e do tráfico de escravos, dando sentido a suas vidas. Estamos, portanto, num campo bem diverso da maior parte dos livros que lidam com a história da colonização e da escravidão: *Domingos Álvares* se junta ao elenco das obras que abrem uma nova perspectiva para pensar o modo como se formaram e sobreviveram ideias radicalmente opostas aos pilares da civilização ocidental. Ainda que Sweet

possa considerar Domingos como parte dessa “modernidade”, ele era um dos seus mais fervorosos oponentes. Seu livro nos mostra a possibilidade de fazer uma história intelectual do mundo atlântico completamente diferente das que estamos acostumados a ver: centrada nas ideias e valores da maioria das pessoas que nele viveram e que, ao invés de lutar por uma liberdade individual, buscavam reconstruir um modo de ser coletivo baseado na força dos ancestrais e do parentesco.

*Silvia Hunold Lara*

Universidade Estadual de Campinas